

## Discurso-língua-padrão: diferentes materialidades

Phellipe Marcel da Silva Esteves\*

*Resumo:* O objetivo deste texto é apresentar minha dissertação de mestrado, intitulada A translação de sentidos entre língua e classe social, desenvolvida na UERJ, entre 2008 e 2010. Nesse trabalho, pautado no dispositivo teórico-analítico da Análise do Discurso Francesa — desenvolvida pelos grupos de Pêcheux na França e Orlandi no Brasil —, busquei compreender de que forma os sentidos sobre língua-padrão percorrem diferentes materialidades, como dicionários, gramáticas, manuais de redação e jornais. Foi percebido que essas materialidades, para muito além de apresentarem esses sentidos, se inscrevem numa FD que legitima a língua como lugar de reflexo da suposta hierarquia social.

*Palavras-chave:* Análise do Discurso; gramatização; jornalismo; língua portuguesa.

No presente trabalho, apresentarei de forma esquemática minha dissertação, que, com o aporte da Análise do Discurso (doravante AD), procurou entender como, a partir da relação imaginária entre língua(s) e determinados segmentos sociais, essa(s) mesma(s) língua(s) vai(ão) significando os segmentos sociais. Quais são os sentidos atribuídos a esses segmentos ao se constituir um conhecimento metalinguístico sobre a língua que se imagina deles e, além disso, como esses sentidos são construídos em diferentes espaços, por diferentes sujeitos, em diferentes posições?

Para que possamos iniciar este estudo, entretanto, é indispensável que seja explicado, de forma geral, o quadro teórico em questão: a Análise do Discurso francesa, afinada com os textos de Sylvain Auroux sobre História das Ideias Linguísticas e com as teses defendidas por Jacqueline Authier-Revuz sobre a Heterogeneidade Enunciativa. Contudo, a elaboração deste projeto não pôde prescindir de um estudo que não circundasse — e rompesse o perímetro de — apenas um *corpus* (o que seria uma abstração científica). Até poderia tê-lo feito dessa maneira, mas um dos objetivos é entender como os sentidos se recorrem em diferentes discursividades, podendo instaurar novos movimentos. Foi necessário, assim, analisar diferentes *corpòra*. A jornada é iniciada em um dicionário de linguística e termina — que esse verbo não seja

---

\* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF, sob orientação da Professora Dr. Vanise Medeiros; Bolsista Capes-Reuni. Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, com a dissertação de mestrado intitulada **A translação de sentidos entre língua e classe social**, sob orientação também da Prof.<sup>a</sup> Dr. Vanise Medeiros. E-mail: phellipemarcel@yahoo.com.br

entendido aqui como um fechamento, mas como uma pontuação provisória— em uma discussão sobre jornalismo popular,<sup>1</sup> especificamente o carioca *Meia Hora de Notícias*.

Este estudo contou com duas partes: uma dedicada à apresentação teórica do trabalho e aos instrumentos de gramatização conforme definidos por Auroux — gramáticas e dicionários —, outra voltada à análise de manuais de redação jornalística e jornais. O objetivo é perceber o afastamento e/ou a solidarização de sentidos nesses tantos espaços de significação em que a(s) língua(s) se encontra(m). Uma síntese sumária de cada um dos capítulos seria:

1º) a perspectiva da Análise do Discurso sobre a construção do discurso, em suas inter-relações com as formulações de Sylvain Auroux — sobre o conceito e a prática da gramatização —, de Authier-Revuz — acerca da metaenunciação — e de Eduardo Guimarães — a respeito dos períodos de estudos da linguagem no Brasil;

2º) a construção dos sentidos de **variação** e **norma** no *Dicionário de lingüística e gramática* de Joaquim Mattoso Camara Jr., como início da análise sobre o funcionamento discursivo, no discurso gramatical, dessas duas noções;

3º) como essas mesmas noções gramaticais/linguísticas são empregadas nas gramáticas de Rocha Lima, Cunha & Cintra e Evanildo Bechara, apreendendo as formas como essas gramáticas se inscrevem numa mesma formação discursiva;

4º) análise de manuais de redação jornalística: um outro espaço para a formação dos sentidos de norma e variação; e

5º) análise do jornal carioca *Meia Hora de Notícias*, como forma de analisar o funcionamento do jornalismo popular: o uso de uma língua popular imaginária e a construção também de um povo, de uma classe social imaginária.

Foram cinco capítulos em que persegui a constituição de sentidos sobre língua, que, inevitavelmente, ao se construir, também vai determinando um outro referente: classe social, especificamente, as classes menos abastadas. A discussão sobre "língua" está sempre relacionada ao âmbito político. Não é à toa que encontramos posições discursivas semelhantes em relação aos regionalismos na gramática de Rocha Lima e em discursos políticos que já haviam sido analisados por Dias (1996): eles são considerados *estílos*

---

<sup>1</sup> Entendido neste trabalho como o jornalismo que põe como público-alvo imaginário as camadas populares, e assim constrói discursivamente o referente *povo*.

importantes para o perfil literário do brasileiro, mas não devem ser consideradas norma; não devem entrar na língua gramatical, no idioma do brasileiro. Compreendemos haver um efeito de *exótico* quanto aos regionalismos. Quanto à variação social, o efeito era outro. Na variedade lexical que aborda esse tipo de variação, foram encontradas palavras como *nível* e *erro*, tornando as variações diastráticas, quando não fora daquilo que se entende como certo na Formação Discursiva que denominamos Língua- Padrão (FDLP) — ou seja, aquela que determina haver um ideal linguístico, uma língua correta, uma variedade superior —, pelo menos hierarquicamente inferiores. Identificamos haver entre as gramáticas e o dicionário analisado uma identificação com a mesma formação discursiva, e a partir disso procuramos observar como outras discursividades constituíam seus sentidos.

Para compreender o funcionamento da translação de sentidos ocorrente entre, por exemplo, as gramáticas e os jornais, me concentrei no *Meia Hora de Notícias* (do grupo *O Dia*). Ao longo da análise, notou-se que a categoria "jornal popular" não é estéril quanto ao tratamento da língua. Conforme propõe Mariani (1998), deve-se ter em conta que, ao se analisar um jornal, entre suas condições de produção está o fato de que ele é comprado, e tem consumidores. A relação imaginária que o jornal estabelece com seu leitor, então, moldará também de que forma o jornal manipulará — no sentido de dar forma com as mãos — a língua a ser utilizada nas capas e no miolo das publicações. Entender esse funcionamento é entender as relações imaginárias que o jornal *popular* faz do *povo*, que passará pela questão do riso: o provocado pelo *Meia Hora* enquadra-se também na FDLP.

Sendo assim, a língua imaginária do jornal e a posição jornalista caucionam um ao outro, em suas posturas, inscrições e identificações. Nos manuais da *Folha de S.Paulo*, do *Globo* e do *Dia*, foram apreendidos sentidos de não existência de variedade linguística, ou seja: a questão da existência de outras línguas numa mesma língua não passa pelos manuais de redação, que, em sua prescrição de normas, são ainda mais restritivos aos usos linguísticos que as gramáticas e dicionários. No manual de redação do *Dia*, ainda verificamos haver a construção de uma língua imaginária voltada especificamente ao jornal popular. E aí começamos a entender um pouco mais como o leitor, pertencente a determinada classe social, tem sua imagem constituída a partir da língua que a ele se associa imaginariamente pela instituição jornalística.

Há também outros lugares, outras discursividades que podem estar inscritas na FDLP, inferiorizando variedades linguísticas sociais — e aquilo que se imagina como tal, materializando-se de forma caricatural —, dando sentidos a uma classe social através do trabalho sobre sua língua, e vice-versa. É o caso, como tenho refletido, dos livros denominados na crítica jornalística de não ficção, principalmente daqueles que surgiram a reboque do *Estação*

*Carandiru*, de Drauzio Varella, no final dos anos 1990 — período também em que começam a surgir no Rio de Janeiro jornais populares diversos. Mas aí começa outra história... e daí nascem outros estudos e análises.